



**PRÁTICAS CORPORAIS NA SAÚDE MENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO CAPS AD
“PRIMAVERA” ARACAJU/SE¹**

Acácia Priscilla de Souza Lírio²

RESUMO

Este trabalho relata a experiência vivida por uma professora de Educação Física no cuidado a usuários de substâncias psicoativas, do município de Aracaju/SE, partindo do desejo de entendimento sobre o cuidado em saúde mental ofertado no município, direcionando o olhar sobre o Centro de Atenção Psicossocial para usuários de Álcool e outras Drogas “Primavera” (CAPS AD) e buscando a compreensão do papel desafiante que a Educação Física encontra neste campo. O relato decorre da experimentação da Oficina denominada “Práticas Corporais no Território”, ofertada neste serviço, com o objetivo de contribuir para a valorização da utilização dos espaços públicos de convivência como proposta de inclusão social, utilizando as práticas corporais como ferramenta de aproximação e reinvenção das relações produzidas naquele espaço. Constatamos parcialmente que a oficina tem proporcionado a troca de conhecimentos a respeito da proteção aos riscos e a vulnerabilidade em saúde e principalmente, vem proporcionando reflexões acerca das relações estabelecidas e das relações que podem vir a ser estabelecidas com o território.

Palavras-chave: Educação Física; Práticas corporais; saúde mental e território.

**MENTAL HEALTH AND BODY PRACTICES:
A CAPS AD "PRIMAVERA" EXPERIENCE REPORT – ARACAJU, SERGIPE**

ABSTRACT

This paper reports the experience lived in Aracaju – Sergipe – by a Physical Education teacher and her rapport with psychoactive substances users, based on the desire of understanding the mental health care provided by the municipality, looking specially at CAPS AD – Primavera Psychosocial Care Center for Alcohol and Other Drugs users – while seeking to comprehend the challenging role of Physical Education in the mental health area. This report follows the experience of a workshop called “Territory Body Practices”, offered at CAPS AD, which aims to contribute to the promotion of the use of coexistence public spaces as a proposal for social inclusion, utilizing body practices as a tool for approximating and reinventing the relationships produced in such spaces. During the activity, we have

¹ Trabalho orientado pelo Professor Mestrando em Educação Física, pela Faculdade de Educação da UFRGS, Dagoberto Oliveira Machado. E-mail: dagoesef@gmail.com

² Professora de Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe e Pós-graduanda em Educação Física Escolar pela Faculdade de Sergipe. E-mail: priscilla_lirio@yahoo.com.br



found that the workshop has provided the exchange of knowledge through discussions related to protection from risks and related to health vulnerability, and, mainly, that it has been proportioning reflections about the relationships that have already been established – or might eventually be established – with the territory.

Keywords: *Physical Education; Body Practices; Mental Health and Territory.*

**PRÁCTICAS CORPORALES EN LA SALUD MENTAL:
RELATO DE EXPERIENCIA DEL CAPS AS “PRIMAVERA” ARACAJU/SE**

RESUMEN

Este trabajo relata la experiencia de una profesora de Educación Física al cuidado de usuarios de sustancias psicoactivas, del municipio de Aracaju/SE, partiendo del deseo de entendimiento sobre el cuidado de salud mental ofertado en el municipio, con foco sobre el Centro de Atención Psicosocial para usuarios de Alcohol y otras Drogas “Primavera” (CAPS AD) y buscando el papel desafiante que la Educación Física encuentra en este campo. El relato recorre la experimentación del Taller denominado “Prácticas Corporales en Territorio”, ofertada en este servicio, con el objetivo específico de contribuir para la valorización de la utilización de los espacios públicos de convivencia como propuesta de inclusión social, utilizando las prácticas corporales como herramienta de aproximación y reinención de las relaciones producidas en aquel espacio. En el transcurso constatamos que el taller proporciono intercambio de conocimientos a través de discusiones sobre la protección de riesgos y vulnerabilidad en salud, y principalmente viene proporcionando reflexiones acerca de las relaciones establecidas y las que pueden ser establecidas con el territorio.

Palabras-Clave: *Educación Física; Prácticas corporales; salud mental y territorio.*

INTRODUÇÃO:

Para este estudo escolhemos percorrer dois caminhos na apreensão da temática. O primeiro pretende alcançar o entendimento sobre o cuidado em saúde mental ofertado no município de Aracaju/SE, direcionando o olhar sobre o CAPS AD e o segundo buscará a compreensão do papel desafiante que a Educação Física (EF) encontra neste campo. Este relato objetiva apresentar a experiência de uma Professora de EF no Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas “Primavera” (CAPS AD) em uma oficina Terapêutica denominada “Práticas Corporais no Território”.

A inquietação em escrever este relato nasce do estranhamento frente a um novo campo de trabalho e da necessidade de reinventar a prática para aquele serviço. Outro motivo que provocou “agitação” foi o



desconhecimento da existência de publicações sobre a temática no município, que pode ser constatado através de uma revisão de literatura realizada nos bancos de dados do Scielo e do Google Acadêmico.

Para iniciar a compreensão da saúde mental no município de Aracaju, torna-se importante o conhecimento da história deste campo no Brasil, e particularmente em Sergipe, ressaltando que ao falar em reforma, estaremos sempre narrando uma trajetória de batalhas, envolvendo muitos personagens, mobilizações, discussões e rupturas. Vale lembrar que a Reforma Psiquiátrica Brasileira se inspirou no modelo Italiano de Franco Basaglia³, o qual defendia a cura da doença como um retorno à liberdade que anteriormente tinha sido cerceada, ou seja, no modelo anti-manicomial o sujeito retoma a sua capacidade em estabelecer relações contratuais. Pois, o que se modifica a partir de então é a ênfase no sujeito e não mais na doença como pode ser expresso a seguir:

A doença deveria ser “colocada entre parênteses”, ou seja, o foco de atenção seria direcionado para tudo o que se refere ao sujeito na sua existência, não negando o processo de sofrimento ou mal estar existente, mas assumindo que a psiquiatria necessita de outros saberes para compreender e intervir no sofrimento psíquico em toda a sua dimensão. (BASAGLIA apud AMARANTE, 2003, p.7)

Em 2001, foi aprovada a Lei 10.216 que “reorienta o cuidado em saúde mental” no Brasil e em 2004, o Ministério da Saúde publica a Portaria nº189 que passou a financiar os serviços substitutivos em saúde mental, os chamados CAPS, que contariam com uma equipe multidisciplinar (psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, entre outros) e com uma rede de assistência aos usuários.

(...) a atenção em saúde mental deve ser feita dentro de uma rede de cuidados. Estão incluídos nessa rede: a atenção básica, as residências terapêuticas, os CAPS, os ambulatórios, os centros de convivência, os clubes de lazer, entre outros. (BRASIL, 2004, p.78)

A implantação do CAPS AD “Primavera” aconteceu no ano de 2002, no município de Aracaju, sendo o primeiro equipamento público/gratuito do Estado de Sergipe a oferecer cuidado a pessoas com transtornos causados pelo uso abusivo e/ou prejudicial de substâncias psicoativas. Serviço comunitário e de atenção diária, com o intuito de oferecer o cuidado no território, empenhado com a produção de vida, cidadania e autonomia. (ARACAJU, s/d).

Observamos assim, que o cuidado a usuários de álcool e outras drogas deve adotar o território como estratégia de intervenção, sendo este entendido como:

(...) um campo que ultrapassa o limite do espaço físico, embora este seja elemento de sua constituição se apresenta, também, como produto histórico em constante processo de

³ Franco Basaglia: Psiquiatra Italiano, mentor da Reforma Psiquiátrica Italiana.



transformação resultante das diversas relações dos sujeitos entre si e destes com o espaço físico em que se inserem. Constitui-se, por fim, em espaço social onde existem afetos, relações sociais, conflitos, desejos, projetos de vida, riscos, recursos individuais e coletivos. (SERGIPE, 2011, p. 67)

Percebemos com isso, que o cuidado em AD deve articular/facilitar a transição e a melhor utilização do território por estes usuários, despertando a valorização dos espaços públicos de convivência, tendo como proposta a ampliação do sentimento de pertencimento nas comunidades, o que culmina na inclusão social do usuário. Para tanto, as práticas corporais contribuem não só como Cultura Corporal de Movimento⁴, como também com as relações sociais ali existentes.

Ao se falar em Cultura Corporal do Movimento, entendemos a necessidade de remetermos as leis que nos orientam em relação à EF na saúde pública e as facetas desse novo espaço de intervenção.

Atualmente, existem três leis/portarias que regulamentam a EF no campo da saúde pública. A primeira é a do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a lei nº387/1998, que reconhece o Professor de EF como uma das 14 profissões do campo da Saúde; a segunda é a lei nº 10216/02 que cria os CAPS e coloca o professor de EF como um dos possíveis componentes da equipe multidisciplinar e por fim a portaria nº 154/08 que cria o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) que propõe este profissional como uma das possibilidades de compor as equipes, destacando as práticas corporais/atividades físicas como recurso terapêutico e promotor de saúde.

Ao observarmos a realidade aracajuana, para dentro dos serviços de CAPS, percebemos que em cada serviço existe um professor de EF, entretanto, estão todos incluídos no quadro da prefeitura como *Cargo em Comissão*, uma vez que até a presente data (2011), não foi realizado concurso público na capital de Sergipe.

Percebemos então que o Professor de EF possui reconhecimento dentro da saúde mental do município de Aracaju, com a valorização da singularidade da sua prática dentro desse novo equipamento de saúde e da sua luta por reinvenção.

TRAJETÓRIA DE UMA IDEIA:

A trajetória descrita no campo da saúde mental do SUS, enquanto Professora de EF e integrante de uma equipe multidisciplinar do CAPS AD “Primavera”, foi iniciada no ano de 2008. Nos primeiros contatos pode-se evidenciar uma determinada expectativa sobre o saber/fazer do professor de EF nesses espaços.

Entretanto, observar tais expectativas/encomendas frente a atuação do Professor de EF, tornou possível evidenciar a peculiaridade da prática deste profissional. Pois neste campo não se necessita prioritariamente de preparação física, mas sim de experimentações corporais (MACHADO, 2011).

⁴ Entende-se como "aquela parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício da motricidade humana - jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais". (BETTI, 2001, p. 156)



(...) A “atividade” deixa de ser o desempenho de habilidades práticas e automatizadas para ativação de processos invenção no cotidiano (...) Forma-ação e não fôrma-ação (...). (BARROS apud MACHADO, 2011, p.15).

O trabalho foi iniciado com a observação do espaço físico e do público que seria atendido. A partir disso, percebeu-se as necessidades e peculiaridades dos usuários (idade, sexo, principal droga utilizada, fator socioeconômico e a presença de doenças instaladas). Após esse período, o primeiro projeto elaborado foi a oficina de “Jogos Cooperativos”.

Essa atividade foi ofertada devido à percepção de que os usuários demandavam a necessidade da realização de práticas esportivas, aliado a isso havia uma dificuldade de compreensão/sentido/cumprimento de regras no tratamento e nas suas vidas, ampliando assim o sentido da prática do Professor de EF.

Observou-se que a oficina serviu como uma ferramenta de desconstrução e possibilidade de conhecimento de outras práticas, trabalhando as regras de forma individual e coletiva, sem necessariamente reproduzir os aspectos da sociedade, através dos esportes competitivos. Esta oficina, ganha espaço dentro do serviço, porém existe um grupo de resistência e que solicita a todo o momento as práticas esportivas/competitivas, visto que esse papel era atribuído ao Professor de EF. A demanda pelos esportes competitivos vem sendo construída/veiculada pela mídia, através da compreensão banalizada da cultura esportiva, que reproduz uma série de discursos descontextualizados, fragmentados e reducionistas sobre possíveis benefícios advindos da prática do esporte. (PIRES, 2002, p 86)

A segunda atividade pensada/ofertada recebe o nome de “Consciência Corporal”, oficina que nasceu da observação do alto nível de agitação/ansiedade entre os usuários desse serviço, principalmente entre os usuários de crack, das dificuldades surgidas pelos efeitos das substâncias psicoativas no seu corpo, da falta de uma atividade voltada para a auto-concentração, relaxamento e compreensão das emoções. Nessa prática, trabalhamos com yoga, alongamento, dança, auto-massagem e relaxamento, todas voltadas para experimentações e percepções do corpo.

Inicialmente esta oficina foi sutilmente rejeitada pelos usuários e vista com desconfiança por alguns trabalhadores do serviço, no entanto, com o caminhar, a atividade ganha confiança, valor e espaço em meio a outras atividades existentes e continua ocorrendo com uma adesão/compreensão considerável.

A terceira atividade é a mais recente e é a qual me destino a escrever com maior detalhamento neste relato de experiência. Nesta, trago novas concepções e desdobramentos de um cuidado em AD que necessita ser reinventado.

2.1 A CONCEPÇÃO:

A produção das idéias advém de duas demandas iniciais, a primeira surge da solicitação e do desejo dos usuários do CAPS AD “Primavera” em realizar alguma atividade física enquanto oficina terapêutica, e a segunda surge da minha necessidade como Professora de EF em realizar um trabalho voltado para o cuidado do usuário de drogas no território, utilizando as práticas corporais como ferramenta, buscando compreender as variadas significações e relações ali existentes. Pois entende-se que:



(...) práticas corporais como fenômenos que se mostram, prioritariamente, no nível corporal e, por conta disso, se expressam na materialidade anátomo-fisiológica, ao mesmo tempo em que se constituem como manifestações culturais. Estas manifestações são compostas por técnicas corporais e como expressão corporal, constituem uma forma de linguagem e acervo de um âmbito da cultura que vem sendo chamado de Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento. Estas manifestações são constituintes da corporalidade humana e, alguns deles, podem e vêm sendo tematizados como conteúdos da disciplina curricular obrigatória EF, tais como dança, jogo, esporte, ginástica, lutas e acrobacias. (SILVA, 2008, p.6-7)

O foco do projeto se dá na contribuição para a valorização da utilização desses espaços públicos (praças, avenidas, entre outros), como proposta de inclusão social e de compreensão das relações ali existentes, com ações que ampliem o sentimento de pertencimento às comunidades, por meio das práticas corporais.

Contudo, devemos compreender a importância de considerar o "sujeito" da ação como o foco de nossa reflexão, buscando desconstruir a relação focada apenas na atividade física e saúde, priorizando as práticas como forma significativa de relacionar-se com o seu corpo, através de vivências, sensações e experimentações corporais.

2.2 O NASCIMENTO:

O nascimento da oficina se deu com a apresentação do projeto na reunião semanal da equipe técnica, em que foi avaliada e discutida a relevância/funcionalidade desse trabalho para o cuidado aos usuários de drogas ali assistidos.

Durante a discussão, entendeu-se que é fundamental a garantia do cuidado de usuários de drogas no próprio território e fora dos muros do serviço, já que, muitas vezes, a circulação destes se dá associada ao uso de substâncias psicoativas. E o ato de estar junto a eles nesse território, pode facilitar a compreensão das relações ali produzidas, buscando também a (re)significação dessas relações.

2.3 OS PRIMEIROS PASSOS:

A oficina terapêutica intitulada "Práticas Corporais no Território" iniciou no ano de 2011 tendo como facilitadora a Professora de EF. Durante o primeiro encontro apresentamos e discutimos as características e os objetivos da oficina:

- Educar através de discussões que visam à prevenção, a minimização dos riscos e à proteção à vulnerabilidade, buscando a produção do auto-cuidado;



- Contribuir para a valorização da utilização dos espaços públicos de convivência como proposta de inclusão social, utilizando as práticas corporais como ferramenta de aproximação e reinvenção das relações produzidas no território;
- Vivenciar uma multiplicidade de práticas corporais, para que os mesmos tenham a oportunidade de relacionar-se com o seu corpo, através de vivências, sensações e experimentações corporais.

No decorrer da discussão buscamos compartilhar conhecimentos e sanar dúvidas, como vemos nos relatos abaixo:

Ah... eu entendo que práticas corporais devem ser atividades físicas (S.1)
Pra mim Le parkour é um a prática corporal (S.2)
Esporte também é uma prática corporal? (S.3)
A capoeira é uma prática corporal? (S.4)
Professora! A sinuca é uma prática corporal? (S.5)

Veiculamos informações importantes sobre a prevenção e o auto-cuidado nas práticas corporais, como alimentação, vestimenta, hidratação, locais de prática adequados e as práticas oferecidas pelo poder público municipal. Chamou-nos atenção a falta de informações sobre os cuidados básicos com o corpo, com a saúde e com o desconhecimento sobre os projetos públicos, como observamos nas falas abaixo:

É mesmo necessário consultar um médico antes de malhar? (S.7)
Oxi, pra que beber água? Eu não sinto sede. (S.6)
Como faço pra me inscrever nesses projetos da prefeitura? (S.8)
Nunca que eu soubesse que existiam esses projetos de graça. (S.7)

Em nossos encontros, visitamos alguns pontos da cidade de Aracaju, propícios a realização de práticas corporais, a exemplo da avenida mais conhecida da cidade, chamada Treze de Julho e os “lagos” da orla de Atalaia. Durante as visitas, aproveitamos para reconhecer a estrutura física, o estado de conservação e o público que costuma frequentar estes locais. Ao chegar aos lagos, alguns usuários fizeram referência às relações com uso de drogas naquele espaço e que após a oficina observavam outras possibilidades de pertencê-los, porém, é importante salientar que mesmo associado a uso de drogas, estes usuários possuem relações prazerosas com este território, outros fizeram referência a momentos de lazer com a família, mas nunca haviam utilizado aquele espaço enquanto local de práticas corporais, como vemos a seguir:

Cara, já fumei muita maconha olhando aqui pra esse mar, rrsr. (S.9)
E eu...kkkk... já vim com uma galera aqui beber vinho e fumar uma. (S.10)
Já vim com minha esposa fazer um piquenique. (S.4)



A visita à “Praça da Juventude”, localizada em um conjunto bastante populoso da cidade de Aracaju, chamado Augusto Franco, percebemos que esta praça tem uma estrutura física adequada, contando com quadra poliesportiva coberta, campo de futebol de areia, quadra de vôlei de praia, pista de atletismo, caixa de saltos, salas para musculação, pista de skate e palco para eventos culturais. Tornando-se, então, tal espaço, um ponto de esporte, cultura e lazer, onde relações estão sendo diariamente construídas. A maioria dos usuários não conhecia a nova praça e ficaram impressionados com que viram, relatando:

Rapaz, aqui é conhecido como praça do cuscuz. (S.1)
Professora aqui era perdido antes dessa reforma. (S.11)
Nunca pensei em vir pra cá com vocês. (S.12)
Aqui era conhecido como ponto de uso de drogas. (S.13)
Isso aqui tá muito estruturado, só quero ver até quando dura. (S.2)
Dá para a gente fazer um monte de coisa aqui. (S.14)

Antes de iniciar as práticas no território, realizamos duas avaliações, uma anamnese e uma de flexibilidade, enquanto procedimentos de segurança, visando o cuidado anterior à prática, uma vez que se trata de um grupo de risco. No decorrer da aplicação, surgiram vários questionamentos sobre a anamnese e conceitos utilizados na saúde e na EF, como:

Nunca ouvi falar em anamnese... pra que serve? (S.16)
O que é articulação? (S.17)
O que é cardiopatia? (S.18)
Nossa um lado é mais flexível que o outro, como pode? (S.19)

Em um dos nossos encontros realizamos uma conversa sobre as impressões da nova oficina, esta conversa culminou em várias reflexões a respeito dos espaços visitados através da oficina, como a forma de utilização daquele espaço, as lembranças históricas e a percepção de mais uma forma de se relacionar com aquele local.

A orla é o meu trabalho e os lagos a minha terapia. (S.3)
Na 13 eu ia com os caras andar de skate, mas quando fomos pra lá com a oficina, comecei a ver que tinha outras opções pra fazer lá. (S.1)
“Na 13 houve em 1934 uma invasão do mar, ali era uma praia, me lembro também da construção do shopping”(S.4)
O que eu acho chato quando a gente vai pra esses lugares é como as pessoas olham pra gente, escondem logo as bolsas e os celulares. (S.4)



CONSIDERAÇÕES PARCIAIS:

Os momentos de encontro entre usuários/trabalhadores e território nos trouxeram inúmeros questionamentos/indagações sobre a prática enquanto Professora de EF, esses questionamentos têm nos levado a repensar pré-conceitos a respeito das relações estabelecidas pelos usuários no território, sobre o real alcance dos objetivos da oficina até o momento e se estes deverão ser alterados.

Entendemos que a potencialidade da oficina não se restringe às práticas, mas as relações que a partir dela são estabelecidas e que trazem consigo reflexões acerca das percepções sensoriais, sociais, econômicas e culturais do território visitado, voltando a atenção ao corpo que se reconhece pelo contato com os corpos e que explora o que pode, corpos que se reconhecem no mundo, mas que também produzem esquecimento, inconsciência corporal⁵ para enfrentar perdas, dores e sofrimento, o que nos faz constatar que essa experiência tem nos levado a aprender e a necessidade de reinventar a prática da EF na saúde mental.

REFERÊNCIAS:

AMARANTE, P.D.C. Loucos pela vida: A trajetória da Reforma Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

BETTI, M. **Corpo, Cultura, Mídias e EF**: novas relações no mundo contemporâneo. Revista Digital, Buenos Aires, dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79>>. Acesso em: março de 2011.

BILIBIO, L.F.; CECCIM, R.B. Singularidades da EF na saúde: desafios à educação de seus profissionais e ao matriciamento interprofissional. In: FRAGA, A. B. ; WACHS, F. **EF e Saúde Coletiva**: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gestão Municipal de Saúde: textos básicos. Rio de Janeiro: Brasil. Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 86p.

MACHADO, D.O. **Movimentos**: dobraduras da EF. Por uma ética do recomeço dos corpos. Porto Alegre/RS. 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2011. No Prelo.

⁵ Essa discussão pode ser encontrada em BILIBIO (2007).



PIRES, G. L. **EF e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002.

ARACAJU. SMS. *Saúde Mental*: Manuais de Ações Programáticas. Modelo Saúde e Cidadania. Aracaju. s/d. 23 p. Cartilha.

SERGIPE. SES. FUNESA. **Atenção Psicossocial no Estado de Sergipe**: saberes e tecnologias para implantação de uma política. 1ª Edição. Aracaju/SE: Secretaria de Estado da Saúde e Fundação Estadual de Saúde, 2011.

SILVA, A. M. *Práticas corporais*: a possibilidade da sua conceituação. In: II Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva. 2008. Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Acácia Priscilla de Souza Lírio

e-mail: priscilla_lirio@yahoo.com.br

End: Rua Tenente Wendel Quaranta, nº 1315, Apto 703, Bairro Cirurgia.
(UFS/Labomídia)